

Dr. David Turner, Evangelho de João, Sessão 15, João 13:1-30

© 2024 David Turner e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Turner em seu ensinamento sobre o Evangelho de João. Esta é a sessão 15, o Discurso de Despedida, Introdução, Lava-pés e Traição, João 13:1-30.

Quando começamos nossa série de vídeos sobre o Evangelho de João, passamos algum tempo mostrando a estrutura literária de João e como ela é analisada por muitos estudiosos hoje como um livro de sinais, indo até o capítulo 12 e depois passando para os capítulos 13 a 17 como um livro onde Jesus mostra e ensina sobre a glória de Deus.

Então, temos o Livro dos Sinais, o ministério público de Jesus até o capítulo 12, depois o Livro da Glória, versículos capítulos 13 a 17, precedendo a paixão em João, que seria dos capítulos 18 a 20. Então, estamos bem entre a época do Livro dos Sinais e do Livro da Glória. Estávamos olhando o Livro dos Sinais e em nosso último vídeo notamos como há aquela palavra um tanto triste e queixosa no capítulo 12, versículo 37, embora Jesus tivesse feito tantos sinais, ainda assim eles não acreditaram nele.

Felizmente, os poucos versículos seguintes relativizam um pouco essa afirmação da forma universal como ela soa e reconhecem que as pessoas estavam acreditando em Jesus. No entanto, o ministério público de Jesus chegou ao fim no Evangelho de João e as coisas não são como gostaríamos que os seguidores de Jesus esperassem que fossem. Muitas pessoas não acreditaram nele e muitos dos líderes religiosos dos fariseus e da aristocracia sacerdotal redobram os seus esforços para prender e executar Jesus.

Então, tudo isso não chega a Jesus como algo que ele desconhece. Assim, o resto de João está focado em nosso Senhor preparando seus discípulos de 13 a 17 para sua partida, o que provavelmente não deve ser entendido como sua ausência ou sua despedida total deles, mas como uma palavra muito sombria e séria sobre o caminho em qual a presença de Deus com os discípulos será transformada da presença física de Jesus para a presença de Jesus com os discípulos através do ministério do parakletos, o ajudador, o consolador, o advogado, o Espírito Santo. Portanto, veremos muitos ensinamentos sobre o Espírito em vídeos que virão de João 14 a 16, mas este é nosso primeiro vídeo no capítulo 13, então vamos passar algum tempo introduzindo o chamado discurso do cenáculo, o discurso de despedida, como você preferir chamá-lo, e depois passaremos algum tempo observando como Jesus lavou os pés dos discípulos.

Então, começaremos este vídeo com uma discussão sobre o que é o discurso de despedida. Então, observe nosso primeiro slide sobre o assunto. Não é incomum que as pessoas chamem isso de discurso do cenáculo, e para chamá-lo assim, é preciso trazer alguma informação para João que não esteja em João.

O cenáculo, é claro, é mencionado em Marcos 14, na narrativa da paixão de Marcos, bem como na de Lucas. Como você deve se lembrar do livro de Atos, os discípulos estão naquele mesmo cenáculo, evidentemente, em Atos capítulo 1, versículo 13, entre o tempo da ascensão de Jesus e o dia de Pentecostes. João diz, é claro, que este discurso é em Jerusalém.

É onde Jesus se encontra, sem dúvida. Mas o texto do capítulo 18.1 fala de Jesus atravessando o vale do Cedrom. Mas, além disso, para o Jardim do Getsêmani, mas fora isso, não há, até onde eu saiba, pelo menos pelo que percebi, nenhuma informação adicional sobre o local desta reunião.

Portanto, não estou muito otimista quanto a chamarmos isso de discurso do cenáculo. Acho que em termos de conteúdo bíblico geral, tudo bem, mas se estamos apenas descrevendo João, esse não é o termo dele. Outro termo usado para descrevê-lo, é claro, é o discurso de despedida.

Provavelmente estamos obtendo algo que derivamos mais do conteúdo de João. E eu diria que esta ideia se enquadra um pouco na ideia de John, mas não totalmente. Porque não há dúvida de que Jesus está lhes dizendo que vai embora.

Ele está partindo e eles não podem segui-lo. Então, é de fato uma espécie de despedida. Mas Jesus não está dizendo a eles que os está deixando sozinhos.

Ele não está se despedindo deles com a sensação de que eles nunca, jamais o verão novamente em qualquer sentido. Porque Jesus deixa bem claro nesta passagem que os verá novamente, pelo menos em algum sentido da palavra, e que irá até eles. A questão é: ele virá pessoalmente a eles após a ressurreição, ou virá a eles através do Espírito permanentemente até que venha em tempos escatológicos para julgar a terra? Portanto, pode haver até três maneiras pelas quais Jesus poderia vir até eles, conforme examinamos neste material.

Então, é um discurso de despedida? Sim e não. Alguns o descreveram como um discurso testamentário. Com o termo discurso testamentário, os estudiosos querem dizer que este material é a última vontade e testamento de Jesus, por assim dizer.

Que ele está falando ao seu povo como se estivesse no leito de morte, por assim dizer. Por mais que Jacó tenha feito isso no final do livro de Gênesis, por mais que Paulo tenha escrito 2 Timóteo dessa maneira, talvez 2 Pedro também no Novo

Testamento tenha sido escrito com esse tipo de coisa em mente. Novamente, porém, Jesus está de fato partindo, e sua morte é a suposição aqui, eu acho.

Mas há algumas semelhanças, mas não sei se deveríamos chamar isso de testamento de Jesus, como alguns fizeram. Teologicamente, acho que é muito importante notarmos, se vamos enfatizar a ideia do seu testamento ou da sua despedida deles, que ele não está absolutamente abandonando os discípulos. Ele está simplesmente indo embora, mas está enviando outro defensor ajudante para ficar com eles, que cuidará deles na sua ausência.

E esse defensor, esse ajudador, o Espírito Santo, basicamente modulará ou transformará a presença de Jesus para eles. Jesus estará falando com eles através do Espírito, e o Espírito é a presença de Jesus no meio deles, não metafísica ou pessoalmente, mas o Espírito funciona através de Jesus como aquele que os lembra de Jesus, que os ensina e os lembra do que eles precisam ouvir, novamente, de Jesus e ajudá-los a lembrar o que Jesus ensinou. Então, você pode dizer que o Espírito Santo é cristocêntrico.

O Espírito Santo não vem até eles para levá-los a um novo capítulo, a um novo afastamento dos ensinamentos de Jesus. Pelo contrário, o Espírito está vindo para lhes falar sobre Jesus e para lembrá-los de tudo o que Jesus lhes ensinou até agora. Então, com tudo isso em mente, talvez pudéssemos descrever o discurso não como o cenáculo ou o discurso de despedida, mas sim como a transformação da presença até o discurso de retorno.

Mas de alguma forma isso não tem nada a ver, então duvido que isso vá pegar. De qualquer forma, essa é uma maneira de pensar sobre a teologia do que está acontecendo neste discurso, seja ou não um termo cativante que possamos usar no futuro. Então, primeiro, algum material geográfico que talvez nos ajude a entender o que está acontecendo aqui.

Em Jerusalém, temos o Monte do Templo. Nos tempos do Antigo Testamento, a colina ao sul do Monte do Templo é chamada de Cidade de Davi, a parte mais antiga de Jerusalém. Isso foi frequentemente chamado na Bíblia, eu acho, de Monte Sião.

Contudo, hoje existe outra parte de Jerusalém, a Colina Ocidental, do outro lado do vale aqui, chamada Monte Sião. É neste outro Monte Sião, neste uso mais moderno do termo, onde se pensa que ocorreu grande parte do material que aparece em João 13 e nos Paralelos Sinóticos. A casa de Caifás, o sumo sacerdote, deveria ser encontrada aqui.

Mais adiante, em direção ao atual Portão de Jaffa, fica onde se acreditava que ficava o Palácio de Herodes, onde provavelmente os governadores romanos se reuniam quando chegavam a Jerusalém, onde parece ser mais provável que Jesus teria sido

ouvido diante de Pôncio Pilatos. Então, esta área aqui na Colina Ocidental, que hoje é muitas vezes chamada de Monte Sião, talvez teria sido onde, da tradição sinóptica, teria ocorrido a última refeição de Jesus com os discípulos. Suponho que daqui Jesus talvez tivesse vindo por aqui para chegar, eventualmente, ao Jardim do Getsêmani, mais ao norte do que onde eu tinha o ponteiro há pouco.

Claro, tradicionalmente é aqui que fica o Getsêmani. Há ali algumas oliveiras muito antigas que parecem bastante retorcidas, mas como sabemos exatamente onde ficavam? Então, se pegarmos este mapa e incliná-lo de baixo para cima, poderemos ver algo parecido com isto. Isto é olhando para o moderno Monte Sião, a Colina Ocidental, e a instalação aqui, a grande instalação é chamada de Abadia da Dormição.

É um lugar que supostamente comemora o cenáculo, e este é um local tradicional que não é necessariamente verificável historicamente. Evidentemente, a imagem que vamos mostrar-lhe do antigo pavimento perto do que hoje é chamado de Igreja de São Pedro Galicantu, que tem uma palavra muito estranha relacionada com o canto do galo, talvez estivesse no leste encosta desta colina ocidental de Jerusalém. Então hoje, se você visitar esta área, veremos esses degraus antigos que os arqueólogos concluíram que provavelmente remontam ao primeiro século, à época de Jesus.

Olhando para cima as escadas, elas ficam assim. Olhando para baixo, eles se parecem mais ou menos com isso. Então, se você entrar na Abadia da Dormição, verá uma grande e bela sala cheia de pedras lindamente esculpidas que têm a ver com o cenáculo, tradicionalmente falando.

Tem aqui uma estátua muito interessante do corvo, que é, desculpe, o galo, o galo, que vai cantar três vezes. Acho que a imagem aqui que é um pouco difícil de ver é a de Pedro conversando com a serva e negando o Senhor. Portanto, apenas um pouco de informação básica e de primeiro plano sobre como a história é entendida hoje, especialmente se você for um turista em Israel.

Então, ao relacionar João 13-17 com a tradição sinóptica, temos algumas dificuldades porque quando lemos João 13, versículo 1, a NVI traduz, foi pouco antes da festa da Páscoa, e então a refeição que está sendo retratada aqui em João não está necessariamente sendo retratado explicitamente como uma refeição de Páscoa, como acontece nos Evangelhos Sinóticos. Alguns pensaram que a razão para isto é que no Evangelho de João, o pronunciamento de João Batista sobre Jesus, de que ele é o Cordeiro de Deus, é levado tão a sério que João não quer ter nenhum outro cordeiro como o O cordeiro pascal é mencionado diretamente em João, mas sim para focar toda a imagem do cordeiro no próprio Jesus. Isso é plausível, suponho, seja como for.

O que João está dizendo sobre esta refeição não corresponde exatamente à tradição sinóptica, e estudiosos que são capazes de lidar com essas coisas e têm interesse nisso escreveram muito material sobre isso e, felizmente para você, não estou um deles porque não vamos entrar em tudo isso neste momento. Sem querer menosprezar o valor desse trabalho, mas não é sobre isso que vamos abordar no tempo limitado que temos nestes vídeos. Suponho que seja possível que João esteja de alguma forma operando a partir de um esquema cronológico diferente e descrevendo a refeição da Páscoa aqui em João 13.

Suponho que também seja possível que ele esteja descrevendo uma refeição totalmente diferente, que ocorreu na noite anterior à refeição da Páscoa. É difícil dizer, e parte disso, é claro, está ligado ao fato de que, ao lermos a tradição sinóptica, há uma clara instituição da Mesa do Senhor a partir da refeição pascal, usando alguns dos copos da tradição pascal para servir. simbolizam o corpo e o sangue de Jesus, mas não temos tal cerimônia institucional em João 13. Acho que certamente há espaço para reflexão aqui, várias interpretações e muitas questões que vêm à mente, e estou alertando você sobre elas. questões se você quiser fazer mais estudos e pesquisas sobre elas, mas apenas para salientar que a abordagem de João aqui difere um pouco em termos de sua agenda literária, seus propósitos teológicos da refeição da Páscoa.

Isto nos leva de volta a algumas de nossas primeiras discussões sobre que tipo de livro são os Evangelhos. Se são livros que estão simplesmente tentando fornecer uma crônica exaustiva de todos os acontecimentos da vida de Jesus, certamente falharam em fazê-lo, mas não creio que esse seja o tipo de livro que sejam, para começar. São livros que nos dão tradições históricas selecionadas sobre Jesus, que são de fato verdadeiras, mas essas tradições são dadas por causa de sua importância teológica, que está ligada ao propósito do autor, à mensagem que o autor deseja transmitir, e então são criativamente ensinado e escrito de uma maneira literariamente excelente.

Portanto, a história não é a única razão pela qual temos estes Evangelhos, o que não quer dizer que não sejam históricos, mas simplesmente que são mais do que históricos. Não temos nenhuma menção, é claro, na tradição sinótica do lava-pés que Jesus faz aqui em João 13. Temos a cerimônia do pão e do cálice, não o lava-pés, exatamente o oposto de João.

Então, quando observamos a tradição do lava-pés que ocorre aqui no contexto da refeição, você notará que João 13, versículo 2 nos diz que a refeição da noite estava em andamento. Durante o jantar, Jesus reservou um tempo para lavar os pés dos discípulos. Então, há algum debate sobre se a linguagem de reclinar que você encontra aqui neste capítulo, e a propósito, vamos descobrir no capítulo seguinte, onde Jesus é ungido em Betânia pela família de Lázaro, estamos vou descobrir que

há uma dúvida sobre se isso está envolvido no que é frequentemente chamado de refeição de triclinio.

Então, a palavra triclinio é uma espécie de forma latinizada de palavras que basicamente significa três sofás. Então, a questão é que antigamente as pessoas de algumas posses para refeições especiais organizavam um triclinio em suas casas. Pessoas extremamente ricas teriam um cômodo em sua casa arrumado dessa maneira e tenderiam a fazer mais refeições como essa.

Então, essa seria uma linda sala de jantar com uma mesa em formato de U sendo uma mesa na base e as outras duas sendo os braços do U, e então eles fariam muitas refeições ali. Normalmente, eles teriam uma vista de seus jardins da sala ou teriam belos afrescos cênicos na parede, e normalmente se reclinariam sobre os cotovelos esquerdos e comeriam com a mão direita, suponho, a menos que fossem canhotos, então eles provavelmente fariam o caminho oposto. Isso causaria problemas no arranjo.

Portanto, existem muitos textos do Novo Testamento que se referem a esse estilo de comer reclinado e, aparentemente, todos eles se referem a refeições que são feitas no estilo triclinio. Então, eu diria que este é o pano de fundo plausível, e provavelmente ainda mais do que plausível, muito provável, do que lemos em João 13 quando lemos sobre Jesus ter anunciado que um dos discípulos o trairia, e Pedro quer saber quem foi e começa a perguntar a John. Vemos no versículo 25 que o discípulo amado, acabei de igualar aqueles dois, recostando-se em Jesus, versículo 25, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Por que ele precisaria se apoiar nele? Bem, obviamente temos muitas fotos da Última Ceia de Jesus, sendo esta obviamente a mais famosa de todas e, aparentemente, Da Vinci estava traindo o discípulo amado como este indivíduo aqui, a menos que você tenha lido o Código Da Vinci de Dan Brown. livro, e se você já fez isso, então não acredite em nada do que você leu nele, isso seria um grande erro.

Mas o estilo de refeição do triclinio provavelmente era algo um pouco mais parecido com isso. Se você olhar alguns dos antigos dicionários da antiguidade romana e estudar um pouco sobre o triclinio, há uma citação neste artigo específico de que cada pessoa era considerada inferior àquela de cujo peito sua cabeça se aproximava, o que é meio difícil para entender a frase, mas quando você a descompacta, o que ela diz é que, como acabamos de ler em João capítulo 13 e versículo 25, recostando-se em Jesus. O que isso quer dizer é que cada pessoa em quem você se apoiaria seria superior a você.

Então, se você fosse a pessoa para quem uma pessoa que estava encostada na sua frente se recostasse para falar com você, então haveria uma disposição cuidadosa daqueles que estavam sentados à mesa. Então, se eu pudesse me inclinar por um momento aqui nesta mesa desta maneira, não sei se a câmera pode me alcançar,

acho que estamos bem, então eu estaria inclinado assim e comendo desta maneira com a mão direita, e então, independentemente da posição dos indivíduos na refeição ser entendida pelo anfitrião, os indivíduos seriam dispostos dessa maneira. Então a pessoa aqui seria uma pessoa que seria vista como inferior a mim.

Essa pessoa precisaria se inclinar para trás para falar comigo. E, claro, se eu estivesse encostado em alguém que estivesse do meu outro lado, essa pessoa seria vista como superior a mim. Então, evidentemente, em algum sentido como este, quando diz em 13:25 que o discípulo amado encostou-se em Jesus e perguntou-lhe quem era, a pessoa teria que ter passado algo assim por cima do ombro esquerdo ou virado completamente por cima do ombro direito para falar com Jesus.

E é provavelmente isso que o texto está retratando para nós aqui. Então a refeição de tricínio conforme retratada nesta fonte específica que encontrei online, você pode ver o endereço aqui se quiser dar uma olhada, diz que em cada uma das mesas, normalmente é um caminho para nove pessoas, estou não tenho certeza de como Jesus fez isso com 12 discípulos, talvez quatro pessoas em uma mesa em vez de três, que a pessoa que está primeiro em cada mesa, o latim seria *sumus*, uma pessoa de status médio no meio, e depois *emus* seria o menos pessoa em cada mesa. Assim, a pessoa de maior status em todo o banquete, em toda a refeição, seria a pessoa sentada nesta mesa, porque todos os outros estariam, de certa forma, recostados na presença dessa pessoa.

Esta não é exatamente a maneira como você costuma ver a Última Ceia retratada de diferentes maneiras, se é que João 13 é a Última Ceia, não da maneira como você costuma ver João 13 retratado. É comum ver João 13 retratado com Jesus nesta mesa, que na cultura ocidental moderna tenderia a ser considerada a mesa principal. Assim, Jesus estaria no meio e o discípulo amado estaria reclinado contra ele.

Deixe-me esclarecer isso aqui, então Jesus estaria aqui e o discípulo amado estaria aqui, eu acho. Onde o resto das pessoas estava, eu acho, não fica totalmente claro nisso. Já vi outras imagens onde a prioridade é iniciada do lado esquerdo e dando a volta por aqui, mas mesmo quando vi desta forma, Jesus é colocado no meio desta mesa com o discípulo amado neste local.

Eu também tenho minhas dúvidas sobre isso. Então, se isso estiver correto, se essa fosse a maneira típica como as coisas eram ordenadas, então Jesus estaria aqui em primeiro lugar como a pessoa com maior autoridade, a pessoa com maior status. O discípulo amado estaria aqui onde está o número dois, e depois em algum outro arranjo do resto dos discípulos.

Então, se teríamos Judas em algum lugar próximo onde Jesus pudesse facilmente passar um pedaço, Pedro em algum lugar próximo onde Pedro pudesse mais ou

menos facilmente dizer, pss , João, quem é? Descobrir. É difícil saber além disso. Portanto, existem outras representações da triclinia na antiguidade.

Esta é uma espécie de corte de madeira do triclinio de pedra encontrado em Pompéia, nas ruínas da erupção vulcânica de lá. Acredito que se você olhar online, poderá ver uma réplica ou uma foto desta mesma sala. De Séforis , que fica logo ao norte de Nazaré, há um mosaico no chão que retrata um triclinio desta forma.

É claro que este não é, estritamente falando, um sofá de três, embora seja em forma de U. Não há três pessoas em cada um desses sofás baixos. Então, você vê as pessoas apoiadas nos cotovelos aqui.

Você vê os criados que evidentemente estão cuidando da comida, do vinho ou de qualquer outra coisa. E acho que não há como saber exatamente quem é visto como tendo mais status. Um afresco também de Pompéia nos dá outra imagem disso.

Neste, as pessoas não parecem estar reclinadas, mas quase sentadas numa mesa mais alta. Então, é um pouco difícil saber exatamente o que está acontecendo aqui. Uma imagem que circula on-line e não tenho certeza a quem atribuí-la porque já a vi em muitos lugares e não vejo direitos autorais sobre ela e não desejo ganhar dinheiro com isso, mas aqui está uma maneira muito comum de retratar isso.

O discípulo amado é colocado aqui com Jesus e Judas aqui. Então, Pedro, ouvindo Jesus dizer que um de vocês vai me trair, de alguma forma chama a atenção de João e balançando a cabeça ou algo assim para João está dizendo o discípulo amado, você sabe, pergunte a ele, pergunte a ele, você sabe, e aí, pergunte ele. Então, nesse caso, Jesus teria simplesmente pegado o pedaço e entregado-o por cima do ombro a Judas.

O problema com isso é que isso teria tornado Jesus inferior em status a Judas se esse arranjo fosse como era. Então, o que achamos de tudo isso? Sabemos algo sobre o costume. Temos imagens variadas de como eram as mesas nos tempos antigos.

Temos diferenças de opinião sobre a forma como as coisas foram realmente realizadas. Temos um número diferente de pessoas no banquete que cabe perfeitamente nas três mesas, cada uma com três pessoas, o que é visto como uma forma padrão de fazer isso. Não tenho certeza, além de apenas notar que todos estavam reclinados em João 13, qual desses arranjos faria mais sentido.

Tenho tendência a pensar que o princípio de que a pessoa para cujo peito você olha e sobre quem você se reclina é seu superior, e não o contrário, faz muito sentido. Portanto, se Jesus foi visto ao ocupar o seu lugar à mesa como cabeça dos discípulos e, de fato, ao lavar-lhes os pés, ele se refere a si mesmo como o mestre, o Senhor. Se eu, o Senhor, lavei seus pés.

Portanto, seria ainda mais apropriado se ele estivesse sentado no mais alto lugar de autoridade à mesa. Então, usando esta imagem como forma de funcionamento, então Jesus estaria onde esta imagem diz que Pedro está e as coisas teriam então ido do maior para o menor nesta ordem. O discípulo amado teria sido a pessoa intermediária nesta mesa.

Não tenho certeza se Pedro seria o próximo ou onde Judas estava em todo esse arranjo. Acho que isso vai além da nossa capacidade de saber com certeza. Tenho certeza de que existem várias teorias que têm um raciocínio mais ou menos claro por trás delas.

Portanto, você pode prosseguir com isso de forma mais completa, se desejar. Então agora pensando no discurso como um todo, não apenas no capítulo 13, como esse layout funciona para nós? Se você parar e pensar sobre isso, verá que o discurso tem uma espécie de preâmbulo e um poslúdio que conduz ao discurso propriamente dito, o discurso que é realmente um discurso. Muitas vezes somos informados de que o discurso do cenáculo ou o discurso de despedida ou a transformação da presença até o discurso de retorno, como o denominei, que esse discurso na verdade não vai do capítulo 13 ao capítulo 17 porque Jesus é realmente não falo muito na primeira parte do discurso.

Ele está dando um exemplo aos discípulos aqui, lavando-lhes os pés. Embora ele diga algumas coisas nesse processo, ele não está discursando, por assim dizer. Como vocês sabem, o discurso termina com Jesus orando ao Pai.

Uma oração não é um discurso. Uma oração é a sua intercessão, primeiro por si mesmo, depois pelos seus discípulos e depois por aqueles que eventualmente acreditarão neles. Portanto, o discurso propriamente dito tem que ser realmente a seção dos capítulos 13 a 16 onde Jesus está enfatizando a vinda do Espírito.

O discurso começa então no capítulo 13. A primeira coisa de que Jesus fala é a sua partida e que é imperativo que, quando ele partir, eles amem uns aos outros como ele os amou. No meio disso, acho que ele mostra que está fornecendo a eles o Espírito Santo que os capacitará a amarem uns aos outros como ele os amou até o final do capítulo 16.

Então, na oração no final do capítulo 17, ele está orando para que os discípulos sejam um, assim como ele e o Pai são um. Penso que, de certa forma, o ensino sobre o novo mandamento de que devem amar-se uns aos outros como ele os amou, para que todos os homens possam saber que são seus discípulos, é uma forma interessante de iniciar o discurso e a forma como tudo termina em o final da oração no capítulo 17 é que os discípulos possam ser um, assim como ele e o Pai são um. Essa é uma maneira interessante de encerrar os discípulos porque assim como no

capítulo 13, o mandamento do amor é dado para que todos possam acreditar que vocês são meus discípulos, a declaração de unidade é feita no capítulo 17, no final, para que todos os homens possam saber que vocês são meus discípulos, para que acreditem em mim.

Assim, os dois suportes para livros, por assim dizer, tendem a fazer muito sentido como a forma como todo o discurso é enquadrado. Ao examinarmos João 13-17, não há apenas uma linha ininterrupta de palavras de Jesus. Há, é claro, o lava-pés no capítulo 13, que leva a uma conversa com Jesus e Pedro e, mais tarde, com Jesus e o discípulo amado sobre a identidade do traidor.

Mesmo quando você entra no discurso propriamente dito, se quisermos chamá-lo assim, no final dos capítulos 13-16, há várias coisas que poderíamos chamar de temas, a maioria das quais são perguntas vindas dos discípulos. Por exemplo, nos capítulos 13-16, Pedro faz uma pergunta, levando Jesus a fazer um comentário. Há outras interrupções, se você quiser chamá-las assim, de outros discípulos, 14:8, 14:22, e Jesus percebe em 16:17-19 que os discípulos estão se perguntando o que ele está pensando e o que ele está realmente dizendo quando fala. diz, um pouco, um pouco.

Portanto, existem alguns momentos interativos ou dialógicos no discurso. Não é apenas Jesus falando sem interação dos discípulos. Na verdade, mais ou menos na metade, no final do capítulo 14, há uma mudança de local.

14:31, Jesus diz, levanta-te, vamos. Não está exatamente claro para onde eles estão indo, se ele está contando o resto enquanto caminham ou se chegaram a um lugar diferente. O capítulo 18, versículo 1, diz que eles partiram e atravessaram o Cedrom até o Jardim do Getsêmani.

18:1, quando terminou de orar, Jesus saiu com os discípulos e atravessou o vale do Cedron. Então, onde quer que estivessem, estavam a oeste disso. E do outro lado havia um jardim aqui e seus discípulos entraram nele.

Então, isso nos ajudaria a compreender o fluxo geral e a estrutura do discurso. Olhando agora para o próprio capítulo 13 de João, como tem sido nosso hábito, falaremos sobre a forma como o contexto flui. Nos três primeiros versículos nos é dada a natureza do cenário da refeição, e ela é retratada como algo que ocorre antes da Páscoa, o que é algo difícil de entender com exatidão.

Tendo amado os seus que estavam no mundo, ele os amou até o fim. Essa parte não é difícil de entender, dada a maneira pela qual Jesus, o bom pastor, cuidou de suas ovelhas ao longo deste evangelho, como afirmado no capítulo 10, especialmente aqui no capítulo 13. É incrível que isso mostre esse ponto.

Então, 13:1, Jesus sabia que havia chegado a hora de ele deixar o mundo. E já vimos esta expressão também no capítulo 12, que a hora havia chegado. Tendo amado os seus que estavam no mundo, ele os amou até o fim.

Essa última expressão pode ser entendida de duas maneiras diferentes. Ele os amou até o amargo fim de seu ministério, pode-se dizer, ou pode-se presumir que ele os amou completamente. Ele os amou até o fim.

Ele os amava plenamente até o enésimo grau, algo nesse sentido. Então, nos é dado o próprio ato de lavar os pés nos versículos quatro e cinco. Ele se levantou da refeição.

Ele tirou o manto externo, a vestimenta, o que quer que fosse, e enrolou a toalha na cintura, despejando água em uma bacia. Evidentemente, ele levou consigo a bacia para cada um dos discípulos, começou a lavar-lhes os pés e a enxugá-los com a toalha que o envolvia. Quando chegou a Pedro, Pedro, claro, sendo a pessoa que muitas vezes fala primeiro e pensa depois, Pedro provavelmente deu voz ao que todos os demais discípulos estavam pensando.

Por que você está lavando nossos pés? Então, Pedro diz a Jesus: Senhor, vais lavar-me os pés? Jesus responde que você não percebe agora o que estou fazendo, mais tarde você entenderá. Pedro percebe que a situação é totalmente anômala, talvez como a versão de Mateus do batismo de Jesus, onde João Batista protesta e diz: você deveria estar me batizando, e não você. Pedro diz: não, você nunca vai lavar meus pés.

Este é o Peter vintage, não é? Peter nunca faz as coisas pela metade. Peter não disse, você tem certeza de que esta é a coisa certa a fazer? Peter disse: não, isso não vai acontecer. Então, Jesus responde com a mesma veemência, a menos que eu lave você, você não tem parte comigo.

Então, Pedro rapidamente abandona sua estratégia anterior no versículo 8 por uma estratégia totalmente nova. Em vez de não ter nenhuma lavagem, Pedro agora quer que não apenas seus pés sejam lavados, mas também suas mãos e sua cabeça. Então, você tem que amar Peter, não é, quando você o vê pulando para frente e para trás assim?

Eu gostaria que tivéssemos mais Peters na igreja hoje. Eu sei que não sou um deles. Às vezes eu gostaria de estar.

Jesus então explica que quem já tomou banho só precisa lavar os pés. Todo o corpo deles está limpo e você está limpo. Portanto, aqui o símbolo do lava-pés, penso eu, deixa de ser simplesmente um exemplo de humildade, razão pela qual Pedro protestou.

Ele não achava certo que Jesus lavasse seus pés. Agora Jesus está mostrando a ele que isso tem mais a ver do que apenas humildade. Tem a ver com limpeza.

Portanto, a afirmação, vocês estão limpos, é seguida, embora não por todos vocês. Pois ele sabia quem iria traí-lo e por isso disse que nem todos estavam limpos. Então, temos essa sensação de mau presságio, essa sensação misteriosa de que a limpeza também faz parte do lava-pés, mas não se aplica a todos.

E por implicação, é claro, está falando daquele que será revelado como o traidor aqui em um momento, que é Judas. Então, quando Jesus termina o ato de lavar os pés e o diálogo com Pedro, ele explica aos discípulos o que está acontecendo aqui nos versículos 12 a 20. Quando terminou de lavar os pés, vestiu-se novamente e voltou para sua casa. Iugur, e disse: Você entende o que eu fiz com você? Você me chama de professor e de Senhor, e com razão, pois é isso que eu sou.

Agora que eu, seu Senhor e professor, lavei seus pés, vocês deveriam lavar os pés uns dos outros. Eu coloquei diante de você um exemplo. Você deveria fazer o que eu fiz por você.

Na verdade, nenhum servo é maior que o seu senhor, nem nenhum mensageiro é maior que aquele que o enviou. Interessante, à luz das repetidas maneiras pelas quais Jesus fala de si mesmo como mensageiro do Pai. Agora que você sabe essas coisas, você será abençoado, e ele não para por aí.

O conhecimento por si só não é como você é abençoado por Deus. Você será abençoado se fizer o que sabe, o que acho muito bom ter em mente para aqueles de nós que estão fortemente engajados no trabalho acadêmico com a Bíblia, que o jogo que estamos jogando não é apenas o jogo de papel. Não estamos apenas tentando obter insights e informações.

Procuramos que essa informação nos leve a uma maneira de transcrever o caráter de Deus e de viver para Deus em nossas próprias vidas. Então, Jesus deixa bem claro aqui que ele está fornecendo algo para os discípulos que deveria ser um exemplo ou um modelo ou um caminho que eles deveriam seguir em suas próprias vidas no futuro, e eles deveriam fazer isso. Este ensinamento é verdadeiramente notável para nós porque nenhum de nós tem o estatuto que ele tinha, mas achamos muito difícil servir humildemente os outros e assumir o papel de servo como ele fez aqui.

Jesus segue esta discussão inicial sobre a interpretação do lava-pés com algumas palavras agourentas sobre o traidor. Nos versículos 18 a 20, ele diz: não estou me referindo a todos vocês. Eu conheço aqueles que escolhi.

Isso é para cumprir a passagem das escrituras. Aquele que repartiu o meu pão voltou-se contra mim. Estou lhe contando agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, você acredite que sou quem sou.

Em outras palavras, ele está dizendo, já estou dizendo isso para você, para que, quando as coisas derem errado, você perceba que não foi uma surpresa para mim. Eu sabia exatamente o que iria acontecer. Depois de ter dito isso, no versículo 21, Jesus ficou perturbado em espírito, e assim temos mais do anúncio explícito da traição de Judas, que já foi aludido num versículo anterior.

O versículo 11, eu acho, seria o versículo anterior. Então, ele diz isso com tantas palavras, em verdade eu digo a vocês, um de vocês vai me trair. Os discípulos ficam surpresos com isso e querem saber de quem Jesus está falando.

Assim, Pedro, ao apontar para João, evidentemente faz com que João, o discípulo amado, devo dizer, pergunte a Jesus quem é. Recostando-se em Jesus, versículo 25, ele pergunta quem é. Jesus não diz com tantas palavras quem é.

Em vez disso, ele responde que é aquele a quem dou o pedaço de pão depois de mergulhá-lo no prato. Existe a prática, talvez na refeição pascal, e não temos certeza se isso é retratado como uma refeição pascal, de mergulhar o pão nas ervas amargas, ou também no tempero que é feito com mel é muito doce. Acho que o termo para isso é haroshef.

Então, não está exatamente claro o que está acontecendo aqui a esse respeito, mas mergulhando o pedaço de pão, ele o deu a Judas, filho de Simão Iscariotes, e assim que Judas pegou o pão, Satanás entrou nele. Pelos ensinamentos anteriores sobre a traição, sabemos que isso não é uma surpresa. Jesus simplesmente disse a Judas: o que você deve fazer, faça rapidamente, e ninguém ao seu redor sabia exatamente o que isso significava.

Alguns pensaram que, como Judas tinha dinheiro, ele iria sair e comprar coisas que precisariam para a Páscoa, ou talvez pensassem que ele iria dar uma oferta aos pobres. Então, temos então uma das declarações mais sombrias do Evangelho de João: assim que Judas pegou o pão, ele saiu e já era noite. Então, isso concluirá nossa discussão sobre João 13.

Voltaremos agora e falaremos sobre algumas das outras coisas relacionadas à Páscoa, mas continuaremos aqui em João 13:31 no próximo vídeo porque é praticamente a introdução ao resto do discurso. Então, quando pensamos em João 13, temos uma arte interessante. Existem muitas imagens que você pode encontrar ao longo da história sobre como é a representação de Pedro conversando com Pedro.

Aqui ele está prestes a lavar os pés. Ele está com as mãos no tornozelo, mas Peter está atrasando as coisas aqui, insistindo que não é apropriado. Então Bondone quer retratar isso em uma pintura de 700 anos ali.

Então agora chegamos à questão do lava-pés e pensamos nisso em termos de contexto bíblico e cultural. Na Bíblia, os sacerdotes às vezes precisavam lavar os pés e as mãos, mas principalmente a lavagem dos pés não era tanto uma questão de pureza ritual para o resto do povo, era uma questão de hospitalidade. No famoso texto de Gênesis 18, que alude à visita do anjo do Senhor a Abraão e Sara, há uma oferta de lavagem de pés.

E vários outros lugares em João, assim como no livro de Juízes, e em 1 Samuel, e 2 Samuel, chegamos ao Novo Testamento, em Lucas 7, Jesus comenta que uma pessoa rica em cuja casa ele estava fazendo uma refeição, que aquela pessoa não lavou os pés ao entrar. Em João 13, 1 Timóteo 5 é um capítulo sobre viúvas e quais viúvas são dignas do apoio da igreja. Nesse capítulo, capítulo 5, versículo 10, 1 Timóteo, Paulo diz a Timóteo que as viúvas que demonstraram sua virtude cristã mostrando hospitalidade lavando os pés dos santos devem ser consideradas dignas de apoio da igreja se estiverem em necessidade.

Portanto, há muita ênfase no lava-pés na Bíblia, incluindo o Novo Testamento. A maior parte parece ser apenas uma questão do que você faz quando recebe convidados. Nos tempos antigos, andar por ruas de terra teria sido uma tarefa bastante complicada.

Você tem muitos animais subindo e descendo pelas ruas, bois, burros, o que quer que seja, e você anda em meio a pilhas de esterco e coisas assim, para ser sincero. E assim, o lixo fica espalhado e seus pés vão ficar imundos depois de passar muito tempo fora. E então, você deseja limpá-los antes de poder realmente relaxar ao entrar na casa de alguém.

Alguém poderia pensar que alguém que mantém uma bela casa também não gostaria que as pessoas entrassem andando por aí com os pés bagunçados. Portanto, embora seja uma grande demonstração de hospitalidade, também é vantajoso para o proprietário manter os pés dos convidados limpos. A traição retratada aqui em João 13 é retratada intertextualmente.

É muito interessante para nós pegarmos esta passagem em João 13, versículo 18, e olharmos para o Salmo 41 de uma forma que é de alguma forma vista como uma antecipação do que acontece em João 13, versículo 18. A NVI traduz, aquele que compartilhou do meu pão tem virou-se contra mim. Virado contra mim é uma espécie de forma de usar a metáfora de levantar o calcanhar contra mim ou me chutar nas costas ou algo assim, poderíamos dizer.

Então, esta é uma citação do Salmo 41, e acho que seria conveniente que parássemos um momento para olhar para o Salmo 41 e ver o que está acontecendo aqui e como Jesus estava olhando para o Salmo 41. Ouvimos pessoas dizerem muitas coisas. sobre encontrar Cristo nos Salmos e a natureza dos Salmos como documentos messiânicos. Na minha opinião, muito disto é afirmado de forma bastante simplista, e as pessoas estão olhando para os Salmos como se fossem uma espécie de profecias de Jesus, de certa forma negligenciando o contexto imediato do Salmo e seu uso na adoração de Israel, mas não realmente tomando isso por si só em grande parte da conta.

Quando voltamos ao Salmo 41, eu estava em Isaías 41, isso não funciona. Salmo 41. Estamos lendo um Salmo que é, em sua maior parte, eu acho, um Salmo de lamento, um Salmo onde o salmista está reclamando daqueles que estão atrás dele.

Começa abençoando aqueles que têm consideração pelos fracos e como o Senhor os preserva e protege, versículos 1 a 3. O salmista então ora, e isso talvez seja um pouco chocante para você se você estiver pensando nisso como estritamente recitando um Salmo messiânico, um Salmo sobre Jesus. O Salmo então ora: Senhor, tem misericórdia de mim, porque pequei contra ti. Meus inimigos dizem de mim com malícia: quando ele morrerá e seu nome perecerá? Quando um deles vem me ver, ele fala falsamente enquanto seu coração acumula calúnias, e então ele sai e espalha isso por aí.

Assim, o salmista está essencialmente reconhecendo a sua própria falta, o seu próprio pecado, o seu próprio fracasso em seguir plenamente um Deus, mas ele também está ciente de que tem muitas pessoas que estão atrás dele. Então, ele fala muito sobre seus inimigos. Ele diz, eles imaginam o pior contra mim, dizendo que mesmo uma doença vil o afligiu, ele nunca mais se levantará do lugar onde está.

Em outras palavras, sua doença será terminal. Isto nos leva então ao versículo ao qual Jesus se referiu, Salmo 41 versículo 9, até meu amigo próximo, alguém em quem eu confiava, alguém que compartilhou meu pão se voltou contra mim. Mas que você tenha misericórdia de mim, Senhor, levante-me para que eu possa retribuí-los.

Eu sei que você está satisfeito comigo porque meu inimigo não triunfa sobre mim, por causa da minha integridade você me sustenta e me coloca em sua presença para sempre. Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel de eternidade em eternidade, amém e amém. Portanto, quando observamos o Salmo 41 em seu contexto imediato, o salmista está reconhecendo que tem muitos inimigos que estão atrás dele.

Ele também reconhece sua própria falta de perfeição em sua caminhada diante de Deus, mas está confiante de que Deus o salvará de seus inimigos e o usará no futuro

para ter uma vida frutífera. O que está acontecendo então quando Jesus se refere a este Salmo e escolhe este versículo que meu amigo próximo levantou contra mim? Eu teria o ponto de vista de que Jesus não está considerando o Salmo tanto como uma predição específica dele, pois é algo que flui da vida do salmista imediatamente naquele período histórico. E que, na providência de Deus, a traição que o salmista sentiu aumentou ainda mais quando aplicada a Jesus.

Em outras palavras, todas as traições da figura davídica que está no Salmo 41, aquela figura vivida historicamente, é uma traição que realmente não se compara à traição que Jesus experimentou. Então, Jesus está dizendo que o mesmo tipo de coisa que está acontecendo no Salmo 41 à figura histórica davídica, seja o rei Davi ou outra pessoa relacionada à davídica, está agora voltando de uma forma ainda maior na vida de Jesus, que é, claro, o filho de David. Jesus é a figura davídica definitiva.

Então, em vez de tomar isso como uma espécie de previsão, falando diretamente, e perder de vista seu contexto original, acho que gostaríamos de notar que a traição que ocorreu originalmente e historicamente refletida no Salmo é algo que antecipa a traição que Jesus ele mesmo está experimentando nas mãos de Judas. Agora, tudo o que sabemos sobre este Salmo é que ele é retratado como um Salmo de Davi no título, mas os títulos provavelmente não são originais do Salmo, embora tenham alguma antiguidade. Então, se o Salmo está relacionado a Davi, pelo menos em algum sentido da palavra, quer isso signifique que ele o escreveu ou o aprovou, ou que reflete as experiências que ele teve como rei de Israel, talvez nos perguntemos se ele está se referindo a um incidente específico na vida de David.

Embora não tenhamos certeza disso, parece-me pelo menos plausível que Davi esteja se referindo ao período da rebelião de Absalão e como seu conselheiro Aitofel passou a ser conselheiro de Absalão em vez de ficar com Davi. Você pode ler sobre isso em 2 Samuel, capítulo 15 a 17, e trechos especialmente interessantes que falam sobre Aitofel são 15:31, 34, 16, 20 a 23, e alguns dos versículos do capítulo 17. Você deve se lembrar que o livro de Aitofel o conselho foi aceito por Absalão por um tempo, mas mais tarde Absalão recebeu um conselho de um conselheiro diferente e então desconsiderou o que Aitofel lhe disse.

Então, adivinhe o que aconteceu com Aitofel? Ele acabou com a própria vida suicidando-se. Claro, foi exatamente isso que aconteceu com Judas. Isso é simplesmente uma coincidência ou é algo significativo na providência de Deus conforme interpretamos as Escrituras? Então, estamos lidando aqui com algo que os professores de hermenêutica às vezes chamam de tipologia, prenunciando eventos do Novo Testamento em eventos do Antigo Testamento.

Gosto de pensar nisso como Jesus atravessando a praia, por assim dizer, andando na praia do tempo e colocando os pés nas pegadas deixadas por Israel em seus próprios tempos históricos. Portanto, quer você ache que esta é uma hermenêutica confiável

ou não, acho que ela é usada às vezes no Novo Testamento para descrever o relacionamento de Jesus com Davi e com o Antigo Testamento, e acho que é pelo menos uma compreensão plausível aqui. Algo estava acontecendo na vida do rei Davi, pelo menos na vida de uma figura davídica, uma traição que Jesus está olhando para trás e pensando.

Ele evidentemente sabe o suficiente sobre o Salmo 41 para interpretar o que está acontecendo com ele agora à luz do que ele vê acontecendo com seu antecessor davídico no Antigo Testamento. Então, Jesus está entendendo a sua própria vida, a sua própria traição, à luz da traição que o rei davídico experimentou no Salmo 41. Quer seja a traição de Aitofel, que traiu David e depois cometeu suicídio ou não, o texto não dizer diretamente.

Na minha opinião, pelo menos, é uma compreensão plausível da passagem. Pense um pouco mais sobre isso e tire suas próprias conclusões. Finalmente, como encaramos esse lava-pés hoje? O que vamos fazer com este texto de João 13, que fala sobre o lava-pés? Aparentemente, no próprio texto, o texto é um modelo de humildade e humildade demonstrada pelo serviço recíproco.

Em outras palavras, se realmente nos importamos uns com os outros e se somos pessoas de verdadeira humildade, não falaremos apenas sobre a nossa humildade, serviremos outras pessoas com as nossas vidas. Vamos gastar a nossa vida. Em vez de fazermos algo que nos exalte, usaremos a energia da nossa vida para exaltar outras pessoas e ajudá-las.

Então, Jesus, entre todas as pessoas, fez o que normalmente nas culturas antigas uma pessoa inferior da família ou um escravo teria feito pelos convidados. O próprio Jesus assumiu esse papel. E então aquela coisa incrível que fez Peter inicialmente hesitar em lavar os pés para nos mostrar o quão importante é para nós, por assim dizer, colocar a toalha e lavar os pés de outras pessoas.

Mas há outra parte desse lava-pés que acho que não recebe atenção suficiente. E é que o lava-pés é uma espécie de ato de limpeza. Quando Pedro protesta contra Jesus lavando seus pés, Jesus reconhece que há algo acontecendo aqui relacionado à limpeza.

E Pedro não precisa que Jesus o lave todo. Ele já está limpo. Tudo o que ele precisa é lavar os pés.

À luz dessas imagens, perguntamo-nos se Jesus está falando sobre o que hoje poderíamos chamar de santificação teologicamente progressiva. Será que Jesus está pensando em lavar os pés de Pedro simplesmente porque sabe que Pedro já se tornou seu seguidor e já foi purificado? Ele tomou banho, por assim dizer, por sua

conversão ao seguimento de Jesus. Agora tudo o que ele precisa fazer é limpar sua vida das dificuldades que enfrenta e das respostas erradas que dá na vida diária.

Então, é possível que o que Jesus está falando aqui seja, para colocar em termos proposicionais, o que 1 João está descrevendo quando fala sobre o crente no pecado? Será que Jesus está dizendo algo como diz 1 João capítulo 1, que se andarmos na luz, como ele está na luz, seu sangue continua a nos purificar de todo pecado. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, para nos purificar de toda injustiça. Talvez, talvez não.

Você pode pensar sobre isso e ver se acha que esta é uma correlação válida do texto. Em qualquer caso, Jesus realmente fala disto no sentido de purificação. Com isso em mente, acho que há um sentido em que o lava-pés prenuncia a cruz.

O lava-pés em si não foi um evento redentor, mas foi Jesus fazendo algo extremamente humilhante pelos discípulos. Claro, o que poderia ser mais humilhante do que lavar os pés? Não muitas coisas. Uma delas seria de fato a crucificação, que, como observamos na forma como Paulo a coloca em Filipenses 2, é a coisa mais humilhante que alguém poderia imaginar experimentar.

O lava-pés, talvez, seja o prenúncio da cruz. Eu pensaria que quando Jesus, nos próximos versículos depois de onde paramos aqui hoje, disser aos discípulos, estou lhes dando um novo mandamento de que vocês devem amar uns aos outros como eu os amei. Como Jesus amou os discípulos? O exemplo mais recente de amar os discípulos é lavar-lhes os pés e mostrar-lhes, pelo exemplo, o quanto devem amar-se uns aos outros.

É claro que João 13 nos diz no início do capítulo, nos primeiros versículos, que tendo amado seus discípulos, ele os amou até o fim, até o amargo fim. Ele os amava completamente. Seu completo amor por eles não se limitou a lavar os pés.

Seu completo amor por eles certamente incluía lavar-lhes os pés. Lavar-lhes os pés foi, como estou pensando aqui, o último ato redentor que ele fez por eles antes de morrer na cruz. O que fazemos hoje em relação ao lava-pés? Como realizamos este evento hoje? Certamente, ninguém contestaria a ideia de que precisamos servir uns aos outros com humildade.

Em vez de esperar para sermos servidos, precisamos servir e dar a nossa vida como resgate por muitos. Como Jesus disse sobre si mesmo em Mateus capítulo 20, versículo 28. Vemos igrejas que ocasionalmente em retiros de jovens fazem com que os jovens lavem os pés uns dos outros.

Vemos igrejas onde o clero lava os pés das pessoas, talvez uma vez por ano durante a Semana da Paixão, algo nesse sentido. Então, é algo que é apresentado de vez em

quando como algo como um drama em uma igreja, uma lição prática que é encenada para dar às pessoas não apenas um sermão, mas uma demonstração do que elas precisam fazer umas pelas outras. Já vi lava-pés sendo feito em casamentos recentes em que participei, onde os noivos lavam os pés um do outro.

Já estive em um onde eles até lavaram os pés dos pais, o que foi muito comovente. Embora eu deva dizer que demorou um pouco e tornou a cerimônia de casamento bastante longa. Mas como vocês sabem, pode haver alguns entre vocês que estão cientes do lava-pés como uma prática normal na igreja, algo que é colocado quase no nível do batismo e da mesa do Senhor.

Isto é frequentemente feito em igrejas que se ligam à tradição menonita, ao movimento da Igreja da Paz, igrejas como essa, onde provavelmente uma vez por mês ou a cada três meses em conexão com a cerimônia do pão e do cálice na igreja, eles realmente terão um cerimônia onde eles lavam os pés uns dos outros. Pessoalmente, não estou convencido de que Jesus pretendia que algo assim ocorresse, mas certamente também não estou convencido de que haja algo de errado com isso. Acho que seria uma boa ideia todos nós considerarmos algo assim, porque precisamos ser lembrados de nossa necessidade de servir uns aos outros de maneira humilde.

Ao concluirmos nosso estudo de João 13, esperemos que não apenas as palavras do capítulo, mas duas imagens surpreendentes estejam gravadas profundamente em nossas mentes. Em primeiro lugar, o de nosso Senhor que nos dá o exemplo lavando os nossos pés. E em segundo lugar, a de nosso Senhor mostrando quem seria o seu traidor.

Esperançosamente, quanto mais pensarmos nele lavando nossos pés, menos precisaremos nos preocupar se somos nós mesmos de quem ele estava falando quando disse: um de vocês vai me trair.

Este é o Dr. David Turner em seu ensinamento sobre o Evangelho de João. Esta é a sessão 15, o Discurso de Despedida, Introdução, Lava-pés e Traição, João 13:1-30.